

# Comunismo

CESAR MANGOLIN

*Jundiá: Edições Brasil/Editora Fibra, 2019. 123p.*

*Felipe Melonio Leite\**

O livro *Comunismo* de Cesar Mangolin inaugura a coleção “Desconstruindo o lugar-comum”. O objetivo da série é fornecer, a partir de uma linguagem descomplicada e acessível, bases teóricas para a crítica de conceitos costumeiramente veiculados de maneira confusa no debate público. Estamos aqui diante de um formato que logrou popularidade nos últimos tempos: a elaboração de respostas fundamentadas para afirmações genéricas.

Situando a presente contribuição no escopo geral da coleção, Mangolin afirma que sua preocupação principal consiste em prover respostas e desenvolver reflexões capazes de desfazer informações distorcidas que apresentam a possibilidade comunista como “um terror e um grande mal a ser evitado”. As respostas, adverte, são baseadas no critério da precisão conceitual, respeitando o objetivo geral de acessibilidade da obra. As referidas reflexões, por sua vez, inspiram a própria reconsideração dos pressupostos dos questionamentos enfrentados.

E é justamente o primeiro capítulo da obra que exemplifica essa reconsideração de pressupostos. Seu objetivo, antes de qualquer defesa das experiências de transição socialista, concentra-se em questionar a própria validade histórica da aferição do *dar certo*. O autor é taxativo: a insistência no *dar certo* é algo que só

---

\* Doutorando em Filosofia na Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor substituto de Sociologia (UFMA). E-mail: fmelonio@yahoo.com.br

pode advir da propaganda capitalista. Deve-se considerar, assim, para o melhor entendimento da questão, a pluralidade de possibilidades de “triunfo histórico”, que sempre escapa a um critério inequívoco e objetivo.

Mangolin atenta, portanto, para a falibilidade das tentativas de produção de critérios pretensamente objetivos. Nesse movimento se estabelece, conforme expõe o autor, uma imprópria adequação objetivo-resultado, de simples avaliação lógica, que é descartada em função de sua inadequação aos processos históricos, porquanto exclui tanto a pluralidade de interesses e influências, quanto impede a cristalização de uma finalidade única.

Mangolin apresenta, como alternativa, uma avaliação do processo histórico que se pretende científica e sem falsos objetivismos. Como critérios científicos, Mangolin aponta três elementos que podem ser extraídos da teorização marxista acerca do que podemos compreender como devir social: i) a leitura do comunismo como uma *invariante político-ideológica*, ou seja, uma ideia de igualdade plena que emerge de forma recorrente na história; ii) o comunismo como um modo de produção da vida social, no qual há a primazia das condicionantes estruturais econômicas; ou iii) o comunismo definido mais como um movimento do que um modo de produção com elementos inequívocos. Com base nessa percepção, Mangolin entende que todas as avaliações propagandistas do comunismo incidem no momento de transição, no qual vários elementos das formas sociais pretéritas estão ainda em funcionamento.

O autor detalha, a seguir, as contraposições entre o socialismo e o comunismo, considerando que o primeiro teria uma conceituação autônoma, centrada na reforma “racional” do Estado para a constituição de políticas públicas mais populares. Haveria ainda, de acordo com o texto, uma segunda conceituação do socialismo atrelada à conceituação global do comunismo, a partir da qual ele seria apenas uma etapa prévia para o fim do Estado.

Uma parte do livro foi dedicada à questão do colapso da União Soviética (URSS). Sempre criticando as noções que confrontam o funcionamento das sociedades ao objetivismo das máquinas, Mangolin afirma que aquela experiência, mesmo em condições bastante difíceis de necessidade de reconstruções em pós-guerras, apresentou um alto nível de desenvolvimento das forças produtivas, rivalizando com o nível social e cultural das potências capitalistas. Os passos seguintes em direção à completa construção comunista teriam sido impedidos, outrossim, pela interdição da participação direta dos trabalhadores na política e pela crise geral ocorrida após os choques econômicos da década de 1970.

No quarto capítulo, Mangolin enfrenta a questão das frequentes comparações entre o nazismo e o comunismo. O autor lê essa comparação como fruto de três tipos de generalizações danosas: a da trans-historicidade dos conceitos avaliativos, a da identificação entre esquerda e comunismo e a da presença do Estado na economia. Afirmar, contra essas simplificações, a incomensurabilidade do sentido histórico dos ideais políticos simbolizados por elementos como o papel atribuído à ciência e aos

intelectuais, tanto quanto à diferença nos objetivos primordiais de justiça social, universal para os comunistas e, em oposição, de superioridade racial para os nazistas.

Temos, no quinto capítulo, a explicação do conceito de ditadura do proletariado. Para isso Mangolin elabora uma categorização dos elementos que compõem o conceito: classe social como posição nas relações de produção; Estado não como força abstrata de representação, mas como estruturalmente condizente com os interesses de uma classe específica; e ditadura do proletariado como o momento posterior à tomada do poder pela classe trabalhadora. A partir disso, torna-se evidente que a ditadura do proletariado difere das outras formas classistas de ditadura na medida em que aponta necessariamente para o fim do Estado, tema abordado no sexto capítulo.

Contra as teses que retratam o comunismo como um estatismo absoluto, Mangolin considera que a sua finalidade intrínseca consiste na abolição da forma-representação estatal. Considera também que só se pode falar em Estado no comunismo como transição (ou seja, na etapa socialista) para uma sociabilidade baseada no livre compartilhamento da abundância em produção na sociedade.

O sétimo capítulo aborda uma questão prática: a contabilidade de mortes nas experiências revolucionárias. O autor critica as alegações quantitativas acerca do tema como propagandísticas. Elas não adentrariam na especificação das causas dessa violência tratada: guerras, conflitos civis, fomes provocadas por sabotagens, crises decorrentes de desastres. O autor alerta, ademais, que é raro a constante violência capitalista entrar, comparativamente, nas estatísticas.

Os três capítulos posteriores tratam de um importante tema correlato aos capítulos anteriores: o humanismo burguês em suas diversas facetas. Neles, Mangolin utiliza como lastro a crítica do marxista Louis Althusser ao humanismo teórico para explicitar o caráter formalista da noção de indivíduo, tutelada pelo direito, e apartada do conteúdo da produção da vida em sociedade. No oitavo capítulo encontramos uma crítica da naturalização da propriedade, momento em que o autor se posiciona contra a noção ideológica de que comunistas pretendem estatizar toda a esfera privada, argumentando que o objetivo é a administração coletiva dos meios de produção e de distribuição. A propriedade privada dos meios de produção, assim, deixa de ser “natural”: será algo irrelevante perante a existência do homem em toda sua potência criadora.

O autor critica, nos dois últimos capítulos, as noções de direitos humanos e de natureza humana. Admite, entretanto, que o primeiro conceito pode ter um uso político benéfico ao considerarmos que, sob a égide dos direitos humanos, o que subsiste é a força da potência criadora do homem em sociedade. Mangolin afirma, entretanto, que contra o elevado grau de abstração da noção seria preferível afirmar o modo de produção comunista com sua realização necessariamente classista.

O presente livro cumpre solidamente seus objetivos na medida em que problematiza noções que são permeadas pelo senso comum conservador, apresentando as respostas clássicas estruturadas pelos marxistas. Um dos grandes méritos do livro consiste na leitura do comunismo como a realização do homem em sua potência subjetiva e social, e não apenas como uma teoria de Estado e uma proposta política a mais.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

# CRÍTICA marxista

EDIÇÃO COMEMORATIVA



50